

PODCAST E O DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE, LEITURA E ESCRITA: PRÁTICAS DE LETRAMENTO DIGITAL NO CONTEXTO ESCOLAR

Vitória Emanuele Lopes de Santana¹
Júlio Cesar Pereira Mendes²
Leandra Gabriela Candido Alves de Souza³
Judite Cesario Mota⁴
Sirlene Barbosa de Souza⁵

RESUMO

Este trabalho apresenta um relato de prática pedagógica para elaboração de um podcast, com o gênero textual entrevista, desenvolvido como parte de uma sequência didática com os estudantes do 3º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Professora Jandira Botelho Pereira da Costa, em Recife/PE. Tal experiência foi idealizada pelos integrantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), núcleo Pedagogia/Alfabetização da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Destacam-se, para o desenvolvimento do trabalho, as contribuições de Bakhtin (2016), Marcuschi (2001 e 2010) e Schneuwly e Dolz (2004), no que concerne aos gêneros textuais, à produção de texto e ao letramento. Para pensarmos o ensino e a aprendizagem do eixo leitura, recorremos a Soares (2017) e a Solé (1998), e, para análise e prática do eixo oral, nos apoiamos em, Leal (2022), Leal e Seal (2012) e Leal, Brandão e Lima (2012). Na interface entre esses autores, trazemos Silva (2015) para refletir e discutir o letramento digital no contexto escolar. Assim, por meio da elaboração do podcast, objetivou-se promover o desenvolvimento da oralidade, bem como a leitura e a escrita, ampliando as possibilidades de expressão e comunicação e estimulando a produção autoral dos estudantes.

Palavras-chave: Ensino da Oralidade, Ensino da Leitura, Ensino da Escrita, Prática docente, Letramento digital.

¹Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, vitória.emanuele@ufrpe.br;

²Graduando pelo Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, juliocesarpacad@gmail.com;

³Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, contatoleandrasouzauni@gmail.com;

⁴Professora Supervisora: Mestra em Educação Básica pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE judite.mota@ufpe.br;

⁵Professora orientadora: Doutora em Educação, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, sirlene.souza@ufrpe.br.



INTRODUÇÃO

A imersão precoce das crianças no universo digital impõe à escola o desafio de se reorganizar para incorporar os novos conhecimentos necessários à participação social, atualizando constantemente suas práticas de ensino e aprendizagem. Ao fazê-lo, a instituição escolar cumpre sua função social de garantir às novas gerações o acesso aos bens culturais socialmente valorizados, conforme discute Bueno (2001, p.5). Nesse cenário, as práticas de letramento digital tornam-se centrais, pois possibilitam ao estudante compreender e interagir criticamente com os diferentes suportes tecnológicos e gêneros textuais que circulam na sociedade contemporânea. Essa compreensão dialoga diretamente com o que Bronckart (1999, p. 103) afirma ao destacar que “é no processo geral de apropriação dos gêneros que se molda a pessoa humana”, uma vez que a interação por meio de diferentes práticas discursivas demanda ações específicas do sujeito, contribuindo para a constituição de sua identidade nos diversos contextos sociais.

À luz dessa perspectiva, o presente artigo tem como objetivo relatar as vivências de um grupo de bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), vinculados ao núcleo de alfabetização da Universidade Federal Rural de Pernambuco, durante a aplicação de uma sequência didática planejada em conjunto com a professora regente da turma. A proposta teve como foco central o trabalho com a oralidade na perspectiva do letramento digital, sem desconsiderar as práticas de uso da língua escrita. Aplicada a estudantes do 3º ano do Ensino Fundamental anos iniciais, a sequência buscou promover um estudo significativo sobre os alagamentos e enchentes, fenômenos recorrentes na Região Metropolitana do Recife e diretamente presentes no cotidiano escolar e comunitário dos alunos.

O produto final da sequência consistiu na elaboração de um podcast pelos estudantes, recurso que se alinha às demandas atuais de letramento digital e amplia as possibilidades de expressão oral e escrita. Tanto o tema quanto o produto foram inspirados em experiências formativas vivenciadas pelos bolsistas na universidade, nas quais tiveram a oportunidade de elaborar propostas pedagógicas envolvendo o uso do suporte jornal e dos gêneros reportagem e entrevista. Ao serem transpostas para o contexto escolar, tais experiências evidenciaram o potencial de práticas que articulam diferentes linguagens, possibilitando aos alunos engajar-se em situações reais de produção textual, leitura crítica e uso significativo de tecnologias digitais. O podcast mostra-se pertinente como recurso didático porque promove práticas reais de oralidade, dialogando com o que defendem autores como Marcuschi (2016) e Schneuwly



& Dolz (2004) ao enfatizarem a necessidade de inserir os estudantes em situações autênticas de uso da linguagem falada, possibilitando que “ajam pela linguagem em sociedade”.

A metodologia adotada neste estudo caracteriza-se como um relato de prática pedagógica desenvolvido por bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), núcleo Pedagogia/Alfabetização da Universidade Federal Rural de Pernambuco. A experiência foi conduzida em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Jandira Botelho Pereira da Costa, localizada no Recife/PE. Trata-se de um relato de experiência, com abordagem qualitativa, cujo propósito é compreender processos formativos, interacionais e práticas de linguagem no contexto escolar. Nesse sentido, o estudo também assume elementos da pesquisa-ação, uma vez que o planejamento, a execução e a avaliação foram realizados de forma colaborativa entre a professora regente e os bolsistas. Assim, buscou-se compreender as práticas pedagógicas observadas sob uma perspectiva formativa e reflexiva, valorizando a experiência vivenciada pelos bolsistas do PIBID do curso de Pedagogia da Universidade Federal Rural de Pernambuco, que atuaram junto à docente da turma e aprenderam com seus saberes e práticas de sala de aula ao se inserirem no cotidiano escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

Um dos construtos teóricos que dão suporte ao que vamos discutir neste texto em relação a produção textual oral e escrita é o conceito de enunciado e a teoria dos gêneros do discurso de Bakhtin (2016). O autor entende a linguagem como fenômeno constituído historicamente, marcado pela cultura e pelas relações sociais, surgindo da necessidade humana de interagir. Em outras palavras, a língua cumpre uma função essencialmente humana comunicativa e se ajusta às demandas de seus falantes. Assim, a comunicação se realiza por meio de enunciados, tanto na forma escrita quanto na oral.

Para Bakhtin (2016, p. 117), os enunciados são os textos e suas formas, bem como a linguagem, também são sociais, culturais e históricos, igualmente determinadas pela comunicação. Já os gêneros do discurso são as maneiras de comunicação que os enunciados tomam forma em diversos campos sociais, ampliando-se e modificando conforme o tempo.

Em diálogo com Bakhtin, utilizamos como base de reflexão a linha de pensamento de Schneuwly e Dolz (2004). Para esses autores, assim como Bakhtin, a linguagem é o campo de interação entre o sujeito e o meio, o sujeito e o mundo, o sujeito entre os sujeitos. A linguagem, suas formas de relações sociais com a linguagem do outro são as definições dos



parâmetros de interação social. Então, para o ensino de textos orais e escritos na escola, é entender tais constructos para que se proponha aos alunos situações de escrita que considerem os princípios de legitimidade, pertinência e solidarização, numa perspectiva sociodiscursiva da língua e de sua função social, bem como os suportes em que circulam os textos.

Desse modo, com base nesses princípios, é fundamental reconhecer que todo texto pertence a um gênero textual, caracterizado por uma forma relativamente estável e moldada por uma função sócio comunicativa específica. Assim, o trabalho com textos e, por consequência, com gêneros na escola deve preparar o aluno para enfrentar as diversas situações de comunicação presentes em sua vida cotidiana. Por isso, a produção textual no ambiente escolar precisa estar orientada pela finalidade social do texto, evitando que se reduza a um exercício meramente escolar. Quando isso ocorre, o estudante tende a produzir um “texto escolarizado”, limitado em suas possibilidades interativas e dialógicas, pois é escrito apenas dentro e para a própria escola (Marcuschi, 2006, p. 64).

Leal e Brandão (2007, p. 52) afirmam que para produzir textos o sujeito precisa desenvolver várias habilidades integrando-os com os objetivos da produção textual. Uma das habilidades é saber construir representações acerca da situação sociocomunicativa para qual o texto será escrito, ou seja, os objetivos e os destinatários do texto. Portanto, é de fundamental importância apresentar situações e destinatários reais durante o trabalho de elaboração de textos na escola. Entender esses fatores determinantes da interação é imprescindível para a construção da função comunicativa dos textos.

De forma específica ao eixo da oralidade, a mesma estabelece como elemento estruturante das interações humanas e das práticas sociais que constituem a comunicação em diferentes contextos. Embora seja dimensão primordial da linguagem, foi historicamente desprezada a um papel secundário na escola, que privilegiou a leitura e a escrita como eixos quase exclusivos de ensino. Leal (2022) argumenta que essa hierarquia artificial precisa ser quebrada, uma vez que fala e escrita coexistem e se influenciam mutuamente nas esferas em que os sujeitos produzem sentidos. Esse entendimento reforça que a oralidade não representa uma habilidade espontânea ou intuitiva, mas um modo de expressão influenciado por normas discursivas, expectativas sociais e usos culturalmente situados.

Nesse sentido, Leal (2022) sustenta que o ensino da oralidade deve se organizar a partir de quatro dimensões: relações entre fala e escrita, variação linguística, reflexão sobre práticas sociais de linguagem e produção e compreensão de textos orais. Contudo, suas investigações revelam que tais dimensões aparecem raramente de forma sistemática nas práticas escolares, que ainda tendem a reduzir a oralidade à leitura em voz alta ou a conversas



espontâneas. Para a autora, é indispensável incorporar à sala de aula o planejamento do falar, a escuta ativa e a análise dos efeitos de sentido presentes nos diferentes gêneros que circulam socialmente.

As contribuições de Leal (2022), Moratto e Storto (2019) convergem no entendimento de que o ensino dos gêneros orais deve aproximar o estudante de práticas sociais reais. Ao trabalhar com entrevistas, debates, júris simulados ou notícias orais, o aluno se apropria de modos de interação, papéis sociais e níveis de formalidade necessários para participar dos diferentes âmbitos sociais. No caso da entrevista de seleção, Moratto e Storto (2019) evidenciam que se trata de situação comunicativa assimétrica, na qual o candidato precisa construir discursivamente uma imagem de si compatível com expectativas profissionais, mobilizando recursos verbais e não verbais. Assim, ensinar oralidade implica ensinar participação social.

Importa ainda salientar que o ensino da oralidade é apresentado pelas autoras supracitadas para além do pedagógico, mas como um ato político. elas ressaltam que possibilitar que estudantes coloquem suas vozes em circulação equivale a garantir-lhes direito de expressão e participação social, rompendo com silenciamentos historicamente impostos. Na mesma direção, Leal (2022) afirma que trabalhar a oralidade como conhecimento escolar é reconhecer o estudante como sujeito cultural capaz de produzir sentidos e intervir no mundo pela palavra.

Sob essa perspectiva ampliada, reconhecer a oralidade como uma prática legítima, estruturada e passível de ensino é fundamental para compreender suas relações com a escrita e para que o ensino de Língua Portuguesa atenda às demandas contemporâneas de comunicação. Ao articular o oral e a escrita como práticas complementares, o trabalho pedagógico se fortalece, permitindo que os estudantes desenvolvam competências comunicativas mais amplas e socialmente significativas. Assumir a oralidade como eixo de formação, os professores contribuem para o desenvolvimento de sujeitos críticos, autônomos e preparados para interagir de forma competente em diferentes contextos sociais, acadêmicos e profissionais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A construção do podcast na turma do 3º ano foi organizada, inicialmente, como um produto final a ser desenvolvido no contexto de uma sequência didática. Antes mesmo de



iniciar o percurso, a professora regente apresentou às crianças os objetivos de estudo e informou que eles produziram um podcast. Após essa introdução, foi definido que o primeiro gênero textual a ser trabalhado para subsidiar a produção do podcast seria a entrevista. Essa escolha orientou as práticas de leitura, análise e escrita da entrevista como gênero textual da sequência didática. Durante a execução da sequência didática, observou-se um forte engajamento dos estudantes, especialmente nas atividades que envolviam escuta, análise e produção textual. O trabalho com diferentes gêneros possibilitou que compreendessem diversas formas de organização do discurso, suas finalidades e usos sociais, além de oferecerem referências importantes para orientar a escrita do gênero central da sequência, a entrevista

Na primeira etapa, o objetivo era levar as crianças a se apropriarem dos gêneros roteiro e entrevista, além de compreenderem as características do suporte podcast. Para isso, foram realizadas em sala de aula, diversas leituras de entrevistas, identificando no texto escrito, as características da entrevista. Simultaneamente, as crianças assistiam e analisavam de podcasts infantis e entrevistas para TV. Além da discussão dos conteúdos, havia perguntas que levavam os estudantes a perceberem a diferença e similaridades entre eles, finalidades, objetivos. As percepções das crianças eram registrados, lembrando a eles a ação que deveriam ao elaborar e realizar o podcast deles, antes da produção do próprio material pelos alunos.

Em uma das aulas, após assistirem ao videocast, a professora iniciou uma conversa coletiva para identificar as características do gênero entrevista e do suporte escolhido. Por meio de perguntas, instigou as crianças a refletirem sobre o formato, o público e as estratégias de comunicação utilizadas, entre outras coisas. Durante o diálogo, surgiram várias observações. Enquanto as respostas eram dadas, a professora esquematizava no quadro os elementos mencionados, construindo com a turma um mapa das características do gênero e suporte textual. Abaixo, no Quadro 1, algumas observações dos estudantes.

Quadro 1 – Observações do estudantes quando ao comportamento do entrevistador

Estudantes*	Expressão oral dos estudantes
Estudante 1	“Ela se apresenta primeiro” (a entrevistadora).
Estudantes 2	“Ela fala bom dia antes de dizer o nome”.
Estudantes 3	“A menina também se apresenta, senão parece que o vídeo começou no meio” (a entrevistada).

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

A atividade possibilitou que os alunos participassem ativamente da construção do conhecimento sobre o gênero e o suporte estudados, compreendendo como a linguagem oral é



organizada em contextos comunicativos reais. Ao analisar coletivamente o videocast e registrar os elementos identificados, os estudantes puderam desenvolver a escuta atenta, a capacidade de observação e a expressão oral, competências essenciais para a produção de seus próprios roteiros e entrevistas nas etapas seguintes da sequência didática. A vivência observada, em que as crianças exploraram o podcast e o videocast como práticas comunicativas contemporâneas, dialoga profundamente com as reflexões de Leal (2022) acerca do ensino da oralidade na escola. Segundo a autora referendada, o trabalho com gêneros orais deve ir além de simples conversas ou leituras em voz alta, abrangendo o desenvolvimento de habilidades de escuta atenta, planejamento e produção de textos orais com finalidades comunicativas autênticas.

Durante o processo de construção do podcast, a turma visitou o Centro de Educação, Tecnologia e Cidadania (CETEC). Nessa vivência, as crianças discutiram sobre fake news e desinformação ampliou a dimensão crítica da oralidade, entendida por Leal (2022) como parte das “reflexões sobre práticas sociais de uso da oralidade”, contribuindo para que compreendessem a fala como um recurso de influência e responsabilidade ética. Além disso, não apenas compreenderam as diferenças entre áudio e vídeo, mas também experimentaram, na prática, aspectos fundamentais da oralidade, como escuta, fala e interação. Puderam também conhecer elementos técnicos envolvidos na gravação para mídias digitais, bem como os instrumentos utilizados nesse processo.

A introdução do podcast no ambiente escolar cumpre esse papel ao inserir os alunos em um contexto midiático real e atual, promovendo reflexões sobre a linguagem e sobre o papel da comunicação na sociedade digital. O podcast, por sua natureza baseada no som, favorece esse exercício, pois exige atenção às entonações, pausas e ritmos, elementos que, segundo Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), constituem a prosódia e são fundamentais na construção dos sentidos na comunicação oral. Essa prática levou as crianças a compreenderem que a fala não é apenas o ato de dizer, mas envolve entender, interpretar e responder de modo crítico e colaborativo.

As crianças iniciaram a produção escrita do gênero textual através de um roteiro de entrevista, esse roteiro oportunizou as crianças realizarem uma entrevista parcial com os integrantes do CETEC. Ainda assim, foi em sala de aula que ocorreram as simulações de entrevistas com o primeiro roteiro produzido coletivamente dos estudantes. Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), nos diz que a primeira produção pode ser fictícia, como forma de regulação para os próximos passos. Tendo como intencionalidade a progressão dos estudantes a partir do fazer, e refletir sobre sua produção.



Após as gravações, a turma realizava análise da produção oral da entrevista, indicando o que estava de acordo com a proposta do trabalho e o que podia melhorar. No decorrer das análises do material gravado, as crianças demonstraram um envolvimento significativo ao refletirem sobre o próprio processo de produção oral. O momento foi conduzido de forma participativa e acolhedora, possibilitando que cada uma expressasse suas percepções sobre o que poderia ser aprimorado nas próximas gravações.

Quadro 2 - Observações dos estudantes ao se analisarem em ação

Estudantes*	Expressão oral dos estudantes
Estudante 1	“Olhar menos para o papel”.
Estudantes 2	“Não ri, nem conversar”. “Respeitar a vez do colega”.
Estudantes 3	“Falar mais alto, e mais devagar (clareza ao falar)”.

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Essas percepções partiram das próprias crianças, através da mediação voltada para reflexão acerca do gênero e suporte textual da professora. Tal prática conferiu à atividade um caráter genuinamente formativo, revelando o olhar crítico em formação. Ao se escutarem, as crianças não apenas identificaram erros, mas reconheceram a importância de planejar e organizar a fala, compreendendo que a comunicação exige intenção, atenção e respeito ao outro. Esse processo de autoavaliação foi um exercício de oralidade consciente, no qual a fala deixou de ser espontânea para se tornar um ato pensado, construído e socialmente significativo.

Logo após as simulações e análises, a turma iniciou a elaboração do primeiro episódio para o podcast. O roteiro desse episódio foi realizado coletivamente, e retomado três vezes antes da gravação. Este episódio foi apreciado pelas crianças em sala de aula, e exibido à comunidade escolar no dia da feira de conhecimento da escola.

Em outro momento, dando continuidade ao trabalho de apropriação do gênero e do suporte textual, a professora regente proporcionou um novo momento de reflexão a respeito do primeiro episódio do podcast da turma partindo da análise ao podcast infantil de uma escola de São Paulo. A proposta era aproximar os estudantes de um modelo protagonizado por crianças e estimular a análise de aspectos da linguagem oral planejada. Durante a exibição, foram feitas pausas estratégicas para promover a reflexão coletiva, onde os próprios estudantes levantaram questões sobre ritmo, entonação, apresentação e estrutura do episódio. Os alunos perceberam, por exemplo, que os participantes falavam rápido demais, dificultando a compreensão. Em seguida, assistiram novamente ao podcast produzido pela própria turma, comparando os episódios e sugerindo melhorias como “se apresentar” e “inserir intérprete de Libras ou legenda”.



Além da análise e produção da entrevista oral, as crianças produziram também a entrevista escrita, em formato de roteiro. O trabalho com eixo da produção textual dialogava com o eixo da oralidade, mas atendia às especificidades de ambos, já que a entrevista é gênero que permite o seu uso através da oralização do texto escrito. Sobre isso, Leal e Seal (2012, p. 85) nos diz:

Nas situações de entrevista, são comuns as estratégias de usar apoio da escrita, por exemplo, por meio de roteiros de perguntas ou de temas a serem abordados, que são consultados pelo entrevistador. Os entrevistados também podem levar anotações com informações que possam ser usadas para responder determinadas perguntas. Refletir com os estudantes sobre a importância de usar recursos escritos em diferentes situações de oralidade pode ser um dos objetivos do trabalho do professor.

Como já foi dito anteriormente, as primeiras produções de roteiro foram coletivas, assim como as suas correções. À medida que escreviam, reescreviam e oralizavam as entrevistas, as crianças se apropriaram do gênero no formato escrito e oral, reconhecendo neles características peculiares. Elas revisitavam o texto escrito com o olhar de quem já vivenciou a experiência oral, percebendo o quanto a escrita e a fala se completam. Vale salientar, que a revisão conjunta favoreceu o entendimento de que a produção de um texto oral não termina no momento da gravação, mas se estende ao escutar, avaliar e reconstruir o próprio discurso. Assim, ao trabalhar o gênero entrevista, foram desenvolvidas estratégias tanto para a preparação, quanto para a realização desse tipo de interação. Os estudantes demonstraram progresso na elaboração de roteiros e a utilizá-los durante a entrevista, mas sem ficar restrito a ele (Leal e Seal, 2012).

A postura crítica e colaborativa observada revelou avanços importantes na autonomia comunicativa do grupo. A cada comentário, surgiam novas propostas, sempre acompanhadas de justificativas e exemplos, mostrando que as crianças estavam desenvolvendo não apenas a fala, mas também a escuta atenta, o respeito às diferentes opiniões e o domínio crescente sobre os recursos expressivos da linguagem. Uma das propostas foi a realização de uma nova entrevista, falando sobre a profissão de professor.

Desta vez, com base nos avanços dos estudantes em relação ao gênero textual e apropriação do Sistema de Escrita Alfabética (SEA), a professora organizou os estudantes em duplas para elaborar um novo roteiro. Cada dupla ficou responsável por escrever a abertura e três perguntas. As duplas foram organizadas pensando na heterogeneidade e na formação de agrupamentos produtivos, combinando os estudantes com maior autonomia na escrita com aqueles que necessitavam de mais apoio. Essa atividade evidenciou avanços na compreensão



da estrutura dos gêneros orais e escritos, na autonomia para produzir textos e na reflexão crítica sobre a própria fala.

Essa experiência reforça e exemplifica o que foi observado ao longo de toda a sequência didática, o diálogo entre a oralidade, escrita e leitura, quando trabalhada de maneira planejada e reflexiva, se torna um espaço de autoria, escuta e construção coletiva. As crianças aprenderam que falar diante de uma câmera não se resume a emitir palavras, mas envolve preparação, postura, clareza e intenção. Aprenderam também que comunicar é dialogar, e que o diálogo se aperfeiçoa quando é ouvido, analisado e recriado.

Por fim, o trabalho com podcast favoreceu a construção de um ambiente de aprendizagem mais significativo e participativo, principalmente ao considerarmos todo o percurso, onde o erro passou a ser entendido como parte do processo de aprendizagem. Verificou-se, também, a expansão do repertório linguístico e temático dos alunos, resultante dos processos de produção oral e registros escritos evidenciando, assim, evoluções nas dimensões cognitiva, linguística e social da turma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência de construção do podcast na turma do 3º ano, evidencia a potencialidade de um trabalho pedagógico que integra oralidade, leitura e escrita como práticas sociais autênticas. A professora, ao mediar cada etapa com intencionalidade e sensibilidade, promoveu um ambiente em que as crianças pudessem experimentar a linguagem em todas as suas dimensões, como ouvir, analisar, planejar, escrever, falar e reescrever. Assim, elas compreenderam que comunicar exige intenção, clareza, postura e responsabilidade.

O trabalho com gênero textual oral e escrito, aspecto central dessa sequência, mostrou-se essencial para o desenvolvimento da autonomia comunicativa dos estudantes, reforçando a necessidade de que essa temática esteja cada vez mais presente nos debates sobre formação docente. As propostas de atividades em que os alunos planejavam, conduziam e avaliavam entrevistas possibilitaram vivenciar a construção do processo comunicativo, consolidando habilidades de escuta atenta, expressão oral, organização discursiva e reflexão crítica sobre a própria fala. Além de propostas atividades em que os estudantes planejavam, conduziam e avaliavam entrevistas, vivenciando todas as etapas desse processo comunicativo.

Além de constituir um percurso de aprendizagem significativo para a turma, a experiência oferece contribuições relevantes para os eixos de ensino da oralidade e da produção textual. A análise do processo vivido aponta para a necessidade de pesquisas que



aprofundem a relação entre práticas midiáticas contemporâneas, como o podcast, as práticas de ensino que dialogam o oral e o escrito e o desenvolvimento das crianças no que concerne às habilidades da linguagem.

Por fim, a sequência didática com o podcast nos mostra que o ensino planejado e reflexivo os gêneros discursivos pode transformar a sala de aula em espaço de autoria, escuta qualificada, construção coletiva de conhecimentos, favorecendo avanços cognitivos e sociais

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

MARCUSCHI, Beth. **O texto escolar**: um olhar sobre sua avaliação. Avaliação em língua portuguesa: contribuições para a prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, p. 61- 74, 2006.

DOLZ, J. NOVERRAZ, M. SCHNEUWLY, B. **Sequências didáticas para o oral e a escrita**: Apresentação de um procedimento. ROJO, R.; CORDEIRO, G. S.(org.). Gêneros orais e escritos na escola. Campinas, SP. Mercado de Letras, 2004.

LEAL, T. F. BRANDÃO, A. C. P.; LIMA, J. de M. **A oralidade como objeto de ensino na escola**: o que sugerem os livros didáticos? In: GOIS, S. e LEAL. T. F. (org.). A oralidade na escola: A investigação do trabalho docente como foco de reflexão. Belo Horizonte. Autêntica, 2012.

LEAL, T. F.; SEAL, A. G de S. **Entrevistas**: proposta de ensino em livros didáticos. In: GOIS, S. e LEAL. T. F. (org.). A oralidade na escola: A investigação do trabalho docente como foco de reflexão. Belo Horizonte. Autêntica, 2012.

LEAL, T. F.. **Reflexões sobre o ensino da oralidade na escola**: o oral em documentos, livros didáticos e prática docente. Revista Veredas - Revista de Estudos Linguísticos. v.26, n.1. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/about>

MARCUSCHI, L. A. **Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos**. et al e Signorini, Inês (org). Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento. Campinas, SP. Mercado de Letras. 2001, p. 23-50.



MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo. Cortez, 2010.

SIGNORINI, I. **Construindo com a escrita “outras cenas de fala”**. et al e Signorini, Inês (org). Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento. Campinas, SP. Mercado de Letras. 2001, p. 97-134.

SILVA, O. S. F. **Modos de ler, formas de escrever**: letramento digital no contexto escolar. In: CORDEIRO, V. M. R.; LIMA, E. G. (org.). Modos de ler: oralidades, escritas e mídias. Curitiba: Arte & Letra, 2015.

BUENO, José Geraldo Silveira. **Função social da escola e organização do trabalho pedagógico**. Educar em Revista, [online], 2001, n. 17, p. 101-110

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. São Paulo: EDUC, 1999.

